

CONCEITOS DE ACESSIBILIDADE E VITALIDADE URBANA NA PRAÇA PARIGOT DE SOUZA EM CASCAVEL – PR

BORGES, Ana Gabriela Rigo.¹
RUSCHEL, Andressa Carolina.²

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo analisar as condicionantes de vitalidade urbana e acessibilidade na Praça Parigot de Souza, em Cascavel – PR. Avaliando os fatores como frequência e experiência criada pelos usuários do ambiente. Primeiramente foram introduzidos os conceitos gerais sobre acessibilidade e vitalidade urbana, tais quais foram utilizados para a base metodológica na análise da Praça Parigot de Souza. Em seguida, foram apresentadas as informações gerais sobre a Praça Parigot de Souza, como localização, tamanho, frequência, e mobiliários urbanos. Nas próximas etapas ocorreram a apresentação das características atuais do ambiente como estudo de caso, considerando as metodologias a serem aplicadas e seguindo a seguinte problemática: A praça Parigot de Souza atende aos conceitos de acessibilidade e vitalidade urbana? Verificou-se através da observação e pesquisas, que a Praça Parigot de Souza é um lugar vital urbano para a cidade de Cascavel, através dos elementos como o espaço proporcionado, eventos promovidos e mobiliário urbano estruturado, porém de forma a proporcionar a acessibilidade a todos, não é critério priorizado na estruturação. Mesmo não promovendo acessibilidade a todos, a Praça cria um vínculo de experiência com seus usuários. Conclui-se então que a praça deve ser um elemento essencial para a existência humana no meio urbano, criando espaços vitais dentro das cidades e promovendo igualdade acessível a todos.

PALAVRAS-CHAVE: Vitalidade urbana, acessibilidade, condicionantes.

CONCEPTS OF ACCESSIBILITY AND URBAN VITALITY IN THE PARIGOT DE SOUZA SQUARE IN CASCAVEL – PR

ABSTRACT

The present work had the objective of analyzing the conditioners of urban vitality and accessibility in Praça Parigot de Souza, in Cascavel - PR. Evaluating factors such as frequency and experience created by users of the environment. Firstly, the general concepts about accessibility and urban vitality were introduced, which were used for the methodological basis in the analysis of Parigot de Souza Square. Next, the general information about Parigot de Souza Square, such as location, size, frequency, and urban furniture was presented. In the next stages, the present characteristics of the environment were presented as a case study, considering the methodologies to be applied and following the following problem: Does the Parigot de Souza square meet the concepts of accessibility and urban vitality? It was verified through observation and research that Parigot de Souza Square is a vital urban place for the city of Cascavel, through elements such as space provided, promoted events and structured urban furniture, but in order to provide accessibility to all, is not a priority criterion in structuring. Even though it does not promote accessibility to all, Praça creates an experience bond with its users. It is concluded that the square should be an essential element for the human existence in the urban environment, creating vital spaces within the cities and promoting equality accessible to all.

KEY WORDS: urban vitality, accessibility, conditioning.

¹Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – Cascavel, PR. E-mail: ag_rborges@hotmail.com

²Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio UNIOESTE. E-mail: ac.ruschel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda sobre a arquitetura acessível e a promoção de vitalidade urbana em espaços públicos, com enfoque na Praça Parigot de Souza, em Cascavel – PR, utilizada como estudo de caso.

Em uma definição de Saboya (2017) acessibilidade nada mais é do que um processo que facilita a mobilidade urbana, que resulta no fácil deslocamento de pessoas, e a importância da responsabilidade arquitetural com o fator de acessibilidade para todos é uma questão muito abordada em diferentes enfoques, como o questionamento da relação que a mesma faz com a vitalidade urbana em espaços públicos. O conceito de vitalidade se define por uma capacidade de viver, se desenvolver e produzir a própria força vital para permanecer, e acessibilidade pode ser entendida como facilidade na aproximação, esta que permanece sempre em processo de ganhar espaço na produção arquitetural, para criar a aproximação de pessoas sem distinções físicas.

Neste contexto, a acessibilidade está associada às oportunidades que um ambiente disponibiliza e a vitalidade urbana liga-se diretamente com o fator de frequência de todos – sem distinção – a um local. O problema posto em questão para motivar esta pesquisa, é: Quais são as condicionantes que precisam ser analisadas para que esta praça seja um conceito de vitalidade urbana, e a mesma atende aos conceitos? Que parte da hipótese de que uma das principais condicionantes que motivam a vitalidade urbana na Praça Parigot de Souza é a frequência por identificação pessoal dos usuários e a produção de experiências multissensoriais, e a consideração de que os preceitos de vitalidade urbana e acessibilidade observada no local foram planejados com a Praça Parigot de Souza, mas alguns conceitos foram adquiridos com o passar do tempo e uso do ambiente.

Pagliuca, Aragão e Almeida (2007) citam que todas as pessoas possuem direito à acesso, educação, saúde, lazer e trabalho. Isso tudo colabora para a inserção no meio social. Pessoas com deficiências físicas possuem necessidades diferentes e precisam ter direito à acessibilidade em obras de cunho público. Para reconhecer um espaço como acessível ele precisa estar livre de barreiras arquitetônicas, para a sua utilização por todos, e com segurança e autonomia.

Portanto, o objetivo geral do trabalho consiste em analisar a acessibilidade e a vitalidade urbana presentes na Praça Parigot de Souza, e os específicos são: a) conceituar acessibilidade e

vitalidade urbana; b) apresentar a Praça Parigot de Souza; c) realizar a análise observacional sobre a Praça Parigot de Souza através da visita e levantamento teórico; d) responder ao questionamento proposto no problema de pesquisa, a fim de esclarecer a hipótese inicial.

A pesquisa desdobra-se a partir do seguinte Marco Teórico:

Vitalidade urbana refere-se à vida nas ruas, praças, passeios e demais espaços públicos abertos. Mais especificamente, dizemos que um lugar possui vitalidade quando há pessoas usando seus espaços: caminhando, indo e vindo de seus afazeres diários ou eventuais; interagindo, conversando, encontrando-se; olhando a paisagem e as outras pessoas; divertindo-se das mais variadas maneiras e nos mais diversos locais; brincando, especialmente em parques e praças, mas também na rua; e assistindo apresentações artísticas, especialmente as informais e improvisadas, entre outras manifestações. Inclui também toda uma gama de atividades relacionadas às trocas comerciais, tais como entrar e sair de lojas, perguntar e pesquisar preços, olhar vitrines, comprar, pechinchar, etc. (SABOYA, 2017, *on-line*)

Esta pesquisa terá como base metodológica a revisão bibliográfica e pesquisas *on-line*. Para Salomon (1974), bibliografia é o conjunto de obras derivadas sobre determinado assunto, escritas por vários autores, em épocas diversas, utilizando todas ou parte das fontes. O mesmo se aplica para pesquisas *on-line*, considerando a utilização de um conjunto de obras sobre determinado assunto. Também terá aprofundamento em um estudo de caso da Praça Parigot de Souza na cidade de Cascavel – PR, onde serão utilizadas pesquisas qualitativas, que enaltecem o contato direto do pesquisador com o ambiente em questão, e define-se por um levantamento de dados, feitos sobre alguma motivação para entender e interpretar determinado assunto.

Tal como, o método dialético, definido por Prodanov e Freitas (2013) como um embasamento de que tudo na natureza se relaciona e se transforma, e sempre há o outro lado de cada fenômeno ou objeto discutido e estudado, é importante que o pesquisador estude todos os aspectos, sem se formar em uma ideia já pronta e formada, considerando que o mundo e natureza estão em mudança o tempo todo.

Além destas, serão aplicadas as metodologias descritas abaixo para a análise da Praça Parigot de Souza:

- Pesquisa de campo: realização de pesquisa bibliográfica sobre o tema, para identificar o estado atual do problema, onde também é permitido obter um modelo teórico de referência e demarcada também pelas técnicas a serem aplicadas para a coleta de dados, e a realização da mesma (Prodanov e Freitas, 2013).

- Método observacional: Prodanov e Freitas (2013) discorrem que este método é um dos que estudam os aspectos sociais individualmente ou em grupo, os autores ainda falam que pode ser um método que atinge os mais altos graus de precisão.
- Legislação: Para Prodanov e Freitas (2013), as pesquisas em legislações compreendem ementas constitucionais e textos legais.

A organização do trabalho acontece da seguinte maneira: neste capítulo, a introdução é apresentada descrevendo o assunto, problema de pesquisa, objetivos gerais e específicos e marco teórico. O capítulo 2 destina-se ao referencial teórico, conceituação de acessibilidade e vitalidade urbana e apresentação da Praça Parigot de Souza, onde este embasa o capítulo seguinte. O capítulo 3, análises e discussões dos resultados, onde a Praça entra como objeto de análise em observação e identificação das condicionantes de acessibilidade e vitalidade, embasados no suporte teórico e com objetivo de responder ao problema de pesquisa. As considerações finais, que compõem o capítulo 4, resgatam os elementos da pesquisa, e por fim, respostas ao problema inicial são apresentadas.

2. ACESSIBILIDADE E VITALIDADE URBANA

Em uma conceituação da língua portuguesa, para Ferreira (2010), acessibilidade, um substantivo feminino, significa “qualidade do que é acessível, e como adjetivo de dois gêneros é assim explicado: “a que se pode ter acesso; a que se tem acesso; fácil de atingir”. Queiroz (2006) descreve que o conceito evoluiu para algo muito mais complexo, tal qual o significado prático é a qualidade, ou devida a falta dela para uma grande porcentagem de pessoas que utilizam o meio urbano.

A partir deste, os conceitos de acessibilidade se alteraram cada vez mais, primeiramente pela demanda, quanto mais pessoas estão inseridas no meio urbano, a dependência de mecanismos de qualidade para acesso a todo e qualquer lugar é maior. Quando é discutido sobre qualidade ou falta de qualidade, é um campo amplo de referência, considerando as capacidades de vínculos que o ser humano cria, pensar que todas as pessoas pertencentes de um meio urbano estão potencialmente correndo riscos de depender de mecanismos que facilitem sua mobilidade para sua livre circulação.

Amengual (1994), nos ANAIS do Curso Básico sobre Acessibilidade ao Meio Físico, comenta sobre a livre circulação de pessoas com ou sem deficiências em locais ou espaços urbanos – sem que haja delimitação de zona especial para usuários em diferentes condições físicas – é um conceito que para a autora, pareceu perfeito, considerando que todo e qualquer indivíduo em vida é um deficiente físico em estado real ou potencial, visto que, ninguém está completamente sem risco de adquirir ou tornar-se limitado por alguma condição física com o tempo. A acessibilidade deve promover a mobilidade, mas também é uma condição que se pense em exigências diferenciadas em grupos distintos, acima de tudo é preciso preparar um ambiente em que todo cidadão possa usar.

Para maior clareza o entendimento deve ser o de que muitos fatores interferem na formação de condicionantes sobre acessibilidade. O conceito evoluiu com o passar do tempo, as leis se mantiveram, mas, ao projetar um ambiente para que todo cidadão possa utilizar, isso se constituiu uma modalidade especial na arquitetura. Haja que não só mais pessoas com deficiências são beneficiadas, e que qualquer ser humano em vida corre o risco de depender destes mecanismos (até mesmo temporariamente) que facilitam a mobilidade e acessibilidade. Esse conceito passa a exigir o se pensar em pessoas distintas para conviver e utilizar, coletivamente ou individualmente, os meios urbanos.

Para Prado, Lopes e Ornstein (2010), as atividades cotidianas precisam ser avaliadas de formas técnicas, levando em conta fatores como esforço para deslocamento e posicionamento, neste caminho a área ergonômica abrange o maior número de dependentes da acessibilidade, e este conceito de acessibilidade precisa se adequar ao planejamento de Desenho Universal, contudo, preservando a diversidade humana, preservando os direitos legais de cada cidadão, realizando suas atividades com conforto, segurança e plena autonomia assegurada no direito de ir e vir de todo e qualquer indivíduo.

Cambiaghi (2007) defende a utilização dos princípios de Desenho Universal e que a relação funcional deve ser estruturada diante de todos os elementos que integram o meio urbano. Os princípios devem ser utilizados desde o planejamento projetual até a última instancia de execução, priorizando os conceitos, e em consequência, promovendo a vitalidade urbana.

A vitalidade urbana pode ser vinculada a qualidades urbanas como o ato de dar vida, tanto como intensidade de vida social, ou seja, pode ser entendida como uma característica ou

condição do espaço público, que possuem condicionantes que podem ser motivo de atratividade ou permanência para a realização de atividades diversas (GEHL, 2015).

Saboya, Netto e Vargas (2015) também entendem a vitalidade urbana como um estudo muitas vezes não tratado diretamente, destacando os fatores que a ocasionam, como características arquitetônicas no meio urbano: os autores definem a vitalidade urbana como “socialidade”, que representam movimentos e interação em espaços urbanos. Outro fator importante defendido para ocasionar a vitalidade urbana é a permeabilidade entre espaços públicos na qual a possibilidade de entrar e sair sem barreiras arquitetônicas está diretamente correlacionada com a vitalidade urbana.

O fato de socializar e ter acesso a uma arquitetura para todos traz a vitalidade urbana como consequência positiva, mas um dos fatores primordiais de incentivo a frequência de pessoas em um determinado local são os padrões de visibilidade. As atividades realizadas em ambientes urbanos são um chamariz sem alarde, o próprio lugar quando frequentado passa a ser um referencial de vitalidade.

Sobre padrões de visibilidade que constituem a vitalidade em espaços públicos Saboya *et al* (2014) defende que as atividades que ocorrem no entorno de ambientes públicos também implicam para ocorrer a vitalidade, a diversidade de usos e de frequência de utilizações em horários e funções diferentes, o posicionamento de ambientes públicos em espaços onde já há densidade urbana estruturada é um pensamento essencial para formação de espaços vitais, tal como interação de atividades internas e externas.

Saboya (2012) faz uma analogia de quatro pontos importantes que promovem a vitalidade, que são: densidade, proximidade e distância na malha de ruas, relação de edifícios x espaços públicos e a permeabilidade visual. No entanto, o autor defende que o primordial destes fatores é a densidade populacional, pois é uma relação quantitativa, maior a quantidade de pessoas, mais ambientes sendo utilizados.

Por outro lado, Gehl (2015) defende que a experiência de vitalidade não se limita a quantidades, a cidade viva é um conceito diferente, se vista uma cidade pequena com algumas pessoas na rua, pode se considerar uma visão viva, o que promove a vitalidade não são números, mas sim sensações, o fato de ter um espaço convidativo e populoso cria um significado de valor

emocional, isso inclui oportunidades de participação da vida urbana, a receita pra a vitalidade urbana ideal é o pensamento sobre a experiência sensorial de indivíduos que compõem a cidade.

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES

As condicionantes de acessibilidade analisadas correlacionadamente com a NBR 9050/2015 demonstram os descumprimentos de adaptações em espaços públicos. Lamônica *et al* (2008) defende a acessibilidade como formação do contexto de cidadania, visto que este influi em direitos estabelecidos, os quais devem ser assiduamente cumpridos. Quanto mais pessoas estão inseridas no meio urbano, ocorre o aumento em dependência de qualidade para o acesso.

Em conceituação, Gehl (2015) vincula uma qualidade urbana que é o ato de dar vida a espaços como uma intensidade de vida social, ou seja, uma condição ou característica que promovem atratividade e permanência em atividades diversas. Em metogologia, Faria (2009) classifica em fases a capacidade de estruturação de estudo destes espaços vitais na cidade:

- Fase 1 – Observação: nesta fase institui-se o levantamento da situação atual. A Praça Parigot de Souza encontra-se em uma região bem localizada na cidade, com infraestrutura urbana estabelecida, mesmo com inconformidades. A autora em observação obtém a capacidade de estruturar e entender o funcionamento e fluxo do espaço em questão, também é possível entender que o fluxo de usuários aumenta nos finais de semana e em grandes eventos promovidos no local, estas satisfações ocorrem pela oferta e procura, ou seja, o espaço contempla grandes atrativos que a população procura, não somente em eventos, mas o espaço em si se insere no meio urbano tornando-se auto suficiente para as atividades e funções humanas de lazer e conforto.
- Fase 2 – Contextualização: esta se identifica pela experiência humana no local, e o que o distingue de outros espaços também inseridos no contexto urbano. O caráter identitário de um lugar também se atribui a partir de um ponto relacional, ou seja, as pessoas desempenham papéis naquele espaço, e isso é fundamental para a

percepção. A Praça Parigot de Souza, nos fins de semana é dotada de um padrão de pessoas mais velhas, famílias, animais, etc, semanalmente o padrão encontrado são de pessoas mais novas, e seguem um formulário pontualmente, normalmente estes estão buscando escapes das grandes superfícies da cidade, ou também alimentando a fragilidade social dos problemas relacionados com drogas, este que, inibe a frequência dos usuários dos fins de semana, semanalmente.

- Fase 3 – Significação: esta fase é identificada a partir da experiência obtida, determinando um valor em função do plano coletivo, a interpretação pessoal do espaço considera a tipologia de usuários e participações, desta forma, perante a este espaço, as atividades humanas de lazer ali identificadas foram as de descanso e aproveitamento do que o espaço atribui, esta se compõe através do todo que refere à arquitetura do local, para complementar, é possível analisar dois pontos, circular e recrear.

Nesse sentido, a metodologia de aplicação do levantamento de dados da Praça Parigot de Souza localizada no Bairro Country em Cascavel – PR – partiu da verificação de seu uso público, identificação de itens como mobiliário urbano, calçadas e acessos, visando, a partir do compilado de dados obtidos, identificar as dificuldades de acessibilidade da população municipal na utilização do bem público. Tais informações foram extraídas primordialmente de normas referentes à acessibilidade urbana e às suas aplicações, também visitas *in loco* (com a avaliação técnica da condição atual nesta fase da pesquisa). Tal coleta de dados teve como base as normas de Desenho Universal, priorizando a aplicação em ambientes públicos.

3.1 PRAÇA PARIGOT DE SOUZA

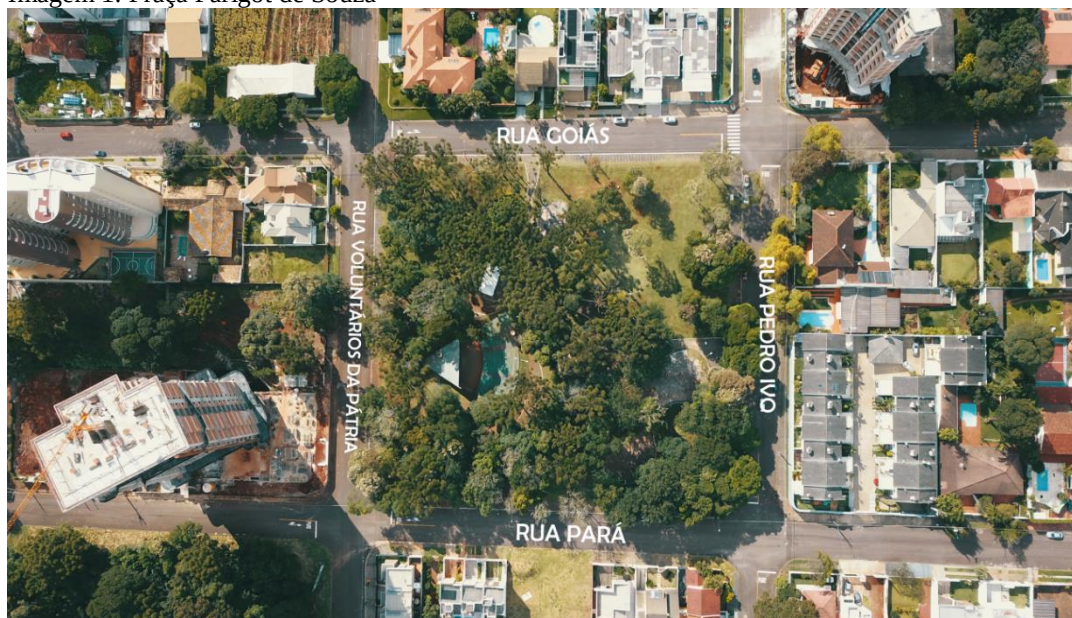
A Praça Parigot de Souza é utilizada para o estudo de caso em questão, como breve histórico por Dias R. e Dias S. (2016). Ela está situada no Bairro Country (imagem 1). Conforme dados do IBGE de 2010, a população desse bairro alcança 4.415 habitantes, ele é conhecido como um bairro nobre da cidade de Cascavel. As famílias ali instaladas são, a maioria, de classe média a alta. Há casas luxuosas e em grandes condomínios. O bairro é composto por oito loteamentos, o primeiro começou em 1963, o Vila Boa Vista; este com o

passar do tempo foi dividido: a metade ficou no Bairro Country e a outra metade passou a fazer parte da área central.

Segundo o Portal do Município de Cascavel (2014), a praça foi construída no início de 1980 com 12.650 m². Foi criada para ser um ícone ambiental e, entre as espécies da flora disponível, há ali inúmeras araucárias. Também possui uma Concha Acústica, um espaço projetado para eventos culturais, como música e teatro. A Concha recebe eventos como o Rocão, que se caracteriza por ajudar a ONG Sou Amigo, protetora de animais, e que une música com o ato beneficente.

A Praça Parigot de Souza tem como vias de acesso as Ruas Pedro Ivo, Pará, Voluntários da Pátria e Goiás. É um local que se destaca por ser bem arborizado e bastante frequentado pela população cascavelense, principalmente em eventos disponibilizados no local.

Imagem 1: Praça Parigot de Souza



Fonte: Autora (2018)

Okamoto (1996) descreve sobre filtros sensoriais em espaços sociais, ou seja, em locais como os da Praça Parigot de Souza. Os frequentadores possuem certo “filtro cultural”, visto que seres humanos se apoiam em sentimentos como sensibilidade e sensualidade (prazer, desprazer), as informações emocionais servem de guias para ações no meio urbano. A visão de realidade e percepções é individual, nela os valores e costumes implantados em certo meio urbano modificam a maneira de enxergar e interpretar as coisas.

Em complemento, a definição de Abbud (2006) sobre a formação de lugares no meio urbano, baseia-se em diferenças de percepção. A vitalidade urbana em relação a diferentes percepções da Praça Parigot de Souza pode ser esclarecida também por Nesbitt (2008) que diz que a percepção individual do homem cria o seu modo de entender uma construção partindo do que se vê. O propósito essencial em construir é transformar um sítio em lugar, então cria-se o conceito de “habitar” para se referenciar ao lugar. O ser humano habita quando ele é capaz de materializar o mundo em coisas e construções que formam o meio em que vive. À arquitetura pertence o propósito de ajudar o homem a habitar, ou seja, ter uma base de apoio existencial.

Toda essa fundamentação de pertencimento se aplica ao entorno e perfil de usuários da Praça Parigot de Souza. O ambiente se tornou um referencial na cidade principalmente por se tornar um lugar de identificação pessoal, não só dos moradores do bairro, mas também de todas as regiões da cidade. Além de promover eventos culturais, o lugar se identifica como ponto de encontro.

Uma vez que o lugar é o espaço dotado de valor pelo homem, e este está contemplado naquele, em presença física e/ou simbólica, propõe-se como estrutura para o lugar a intersecção de três mundos, ou atributos: os espaciais, os ambientais e os humanos. (FARIA, 2009 p. 112)

A composição de um ambiente vital urbanamente é contemplada por alguns quesitos, um que se pode entrar em destaque são os mobiliários urbanos disponíveis. Oliveira *et al* (2010) cita a compreensão de mobiliário urbano como algo que se delimita a todo e qualquer projeto, elementos ou pequenas edificações de uso coletivo, com finalidade de utilização pública, propiciando conforto e viabilidade aos usuários. A Praça Parigot de Souza pode se identificar como um local bem estruturado em mobiliários urbanos, no entanto não seguindo a legislação em transformar o local em acessível.

Com suporte na NBR 9050/2015, a análise em relação aos mobiliários urbanos disponibilizados na Praça Parigot de Souza representou a incapacidade de suprir espaços acessíveis em relação aos bancos, não seguindo os tamanhos ideais; paisagem e ambientação urbana, neste caso, a vegetação existente invade o espaço disponível para circulação; Concha Acústica, a mesma não atende a princípios básicos de acessibilidade, não disponibilizando acessos com rampas e assentos disponíveis para portadores de necessidades físicas; e rampas

de acesso, as mesmas se apresentam de forma irregular, ultrapassando os limites de inclinação e pouca disponibilidade deste elemento dentro do ambiente como um todo.

Além das condicionantes que são possíveis identificar através da legislação, a densidade urbana é uma condicionante de suma importância para análise, Duarte (2014) destaca que as variáveis de vitalidade urbana em praças incluem a densidade populacional, visto que a população gera uma demanda de espaços, onde o entorno e população residente é grande, as praças são muito mais utilizadas, tornando-as em potenciais áreas de socialização.

Duarte (2014) também discorre sobre a valorização do espaço com a densidade horária de usos, esses determinam a frequência de pessoas com o tempo. Do ponto de vista do observador, as frequências aumentam na Praça Parigot de Souza nos sábados e domingos. Isso ocorre devido ao ambiente ser arborizado, espaçoso e disponibilizar eventos de socialização como o Rocão. De segunda a sexta-feira foi observado que a população não utiliza do ambiente por fatores relacionados à insegurança no que diz respeito a usuários de drogas no ambiente. Isto se torna um fator de impedimento e bloqueio ao uso, ainda que o ambiente ofereça outros atrativos como o espaço, os equipamentos públicos disponibilizados e os mobiliários presentes na praça.

A partir das observações realizadas juntamente com a NBR 9050, é possível identificar as inconformidades presentes, constatando a falta de encosto nos bancos disponíveis na Praça Parigot de Souza, além de não disponibilizar espaço suficiente para um cadeirante se encaixar seguramente e estar equivalente em espaço com outros usuários. Já em contraponto, pode-se observar a colocação de lixeiras fora da área de circulação e contando com uma altura acessível a todos.

Embora existam normas específicas a fim de tornar o ambiente acessível, tal qual a NBR 9050, é notável o desconhecimento da sociedade em geral, principalmente em relação à acessibilidade para pessoas portadoras temporariamente ou não de mobilidade reduzida, transformando em dificuldade a capacidade humana de utilizar e se relacionar com o meio. É possível observar através da pesquisa de campo e confrontando a NBR 9050/2015 que mesmo a legislação existente, não há equivalência com a realidade aplicada na Praça Parigot de Souza.

Portanto, a hipótese inicialmente levantada foi, em partes, confirmada. A identificação pessoal de cada usuário com a Praça Parigot de Souza é relacionada à criação de eventos como

o Rocão e à convivência entre amigos e familiares dentro do tempo de lazer disponibilizado por cada indivíduo. No entanto, Faria (2009) afirma que onde há um plano em que o sujeito atua conforme sua interpretação e adequação, cria-se um segundo modo de ver um mesmo lugar. E a intensidade dessas respostas não depende somente da arquitetura e dos seus sentidos propiciados, mas encontra-se imanente aos desejos e expectativas de quem as percebe, e variam com o olhar de cada usuário.

De fato, não estar em todas as condições, ou reduções de condições físicas, inibe analisar todas as funções e atribuições de um mesmo espaço. Ou seja, a Praça satisfaz as necessidades humanas de lazer, pois proporciona uma resposta ao tipo de lazer procurado. Portanto, os preceitos de vitalidade urbana e acessibilidade planejados para a Praça Parigot de Souza não são condicionantes geradas por um planejamento. Neste sentido, a hipótese se mantém refutada, visto que as condicionantes foram inteiramente ligadas com o tempo e com a transformação do meio urbano em lugar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises e considerando o problema gerador da pesquisa, foi possível observar que a Praça Parigot de Souza é um lugar vital urbanamente, a praça atende aos conceitos de sociabilidade, atendimento a mobiliários urbanos, promoção de eventos e geração do conceito de ‘lugar’ na cidade, onde o mesmo se caracteriza como a percepção individual do homem, onde o ser cria seu próprio modo de ver e entender uma construção, criando sua base existencial no meio em que vive.

A Praça Parigot de Souza atende a estes conceitos de vitalidade urbana de formas diversas, mesmo não atendendo a todos os conceitos de acessibilidade, a praça proporciona eventos e delimita um espaço agradável aos usuários, onde a grande motivação de ser um lugar vivo para a cidade de Cascavel se dá por experiências individuais que cada um dos habitantes criou ali, que proporcionam a vontade de continuar a frequentar o ambiente. As condicionantes vitais da Praça, pode-se observar que são ligadas com o tempo e transformação do sítio, ou, meio urbano, em lugar.

Em contraponto, a Praça Parigot de Souza não atende aos conceitos de acessibilidade, não viabilizando todo o mobiliário urbano e passeio público a fim de atender a todo e qualquer

tipo de usuário em diversas situações de limitações físicas, não oferecendo acesso com rampas, bancos acessíveis, espaço de circulação sem barreiras e acesso a todos os equipamentos do ambiente.

Por fim, pautando-se nos limites da pesquisa, propõe-se que este tema acarrete a futuros estudos referentes ao tema.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas**. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

DIAS, Rosangela Maria Sachet; DIAS, Solange Irene Smolarek. **Procedimentos para análise de processos de lotes urbanos localizados em área de preservação permanente** – app no município de Cascavel. Revista Thêma et Scientia – Vol. 6, no 1, jan/jun 2016.

DUARTE, Juliana de Souza. **Ambiente construído e vitalidade urbana: avaliação de três praças no bairro Manaíra**. – João Pessoa, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p. ISBN 978-85-385-4198-1.

FARIA, Célia Joaquina Fernandes. **A construção do lugar arquitectónico a significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito**. Dissertação de mestrado, Lisboa – 2009.

GALINDEZ, Jorge; AMENGUAL, Clotilde. **Anais do VI SIAMF Seminário sobre Acessibilidade ao Meio Físico, Rio de Janeiro, 8 a 10 de junho de 1994. E, Anais do Curso Básico sobre Acessibilidade ao Meio Físico, Rio de Janeiro, 6 e 7 de junho de 1994**. – Brasília: CORDE, 1995.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. Tradução de Anita Di Marco. 3. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2015.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em 13 de out. 2017.

LAMÔNICA, Dionísia A. Cusin; FILHO, Pedro Araújo; SIMONELLI, Simone B. Joaquim; CAETANO, Vera L. S. Butignoli; REGINA, Márcia R. R; REGIANI, Denise Maria. **Acessibilidade em ambiente universitário: identificação de barreiras arquitetônicas no campus da USP de Bauru**. Rev. Bras. Educ. Espec. v.14, n.2, 2008.

NORMA BRASILEIRA, ABNT NBR 9050. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Terceira edição, 11.09.2015. Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2015.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2º ed. rev. 2008.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**. – São Paulo: Plêiade, 1996.

OLIVEIRA, Júlio César; FERREIRA, Leonarto Venturini Silva; COSTA, Rodrigo Rattes; CORADI, Rogério Lopes. **Acessibilidade Urbana: Estudo de caso da Praça Capela Nova**. Maio de 2010. Disponível em: <<http://mundogeo.com/blog/2010/05/05/acessibilidade-urbana-estudo-de-caso-da-praca-capela-nova/>> Acesso em 13 de out. 2017.

PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL. **Histórico das Praças**. 2014. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/sub_pagina.php?id=256> Acesso em 13 de out. 2017.

PRADO, Adriana; LOPES, Maria Elisabete; ORNSTEIN, Sheila. **Desenho Universal: Caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º edição – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Marco Antônio de. **Acessibilidade web: Tudo tem sua Primeira Vez**. 2006. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/capitulomaq#301>. Acesso em: 13 ago. 2017.

SABOYA, Renato. **Fatores Morfológicos da Vitalidade no ArchDaily**. 2017. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2017/02/fatores-morfologicos-da-vitalidade-no-archdaily/> acesso em 08 de agosto de 2017.

SABOYA, R. T.; NETTO, V. M.; VARGAS, J. C. **Fatores morfológicos da vitalidade urbana. Uma investigação sobre o tipo arquitetônico e seus efeitos**. *Arquitextos*, v. 180 n. 02, 2015.

SABOYA, Renato T. de; BITTENCOURT, Sofia; STELZNER, Mariana; SABBAGH, Caio; MORO BINS ELY, Vera H.. **Padrões de visibilidade, permeabilidade e apropriação em espaços públicos abertos: um estudo sintático**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 164.01, Vitruvius, jan. 2014 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.164/5015>>. Acesso em 21 de ago. 2017.

SABOYA, Renato. **Condições para a vitalidade Urbana #1 – densidade**. 2012. Disponível em: <<http://urbanidades.arq.br/2012/11/condicoes-para-a-vitalidade-urbana-1-densidade/>> Acesso em 20 de ago. 2017.

SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. São Paulo: Interlivros, 1974.